

A ÉTICA DE JESUS



Uma leitura dos evangelhos
a partir de suas ações



VIVER SEUS ENSINAMENTOS É ESCOLHER
A GRATUIDADE EM LUGAR DO MÉRITO,
E O AMOR EM LUGAR DO PODER.



A Ética de Jesus

Uma leitura dos Evangelhos a partir de suas ações

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Luiz de

A Ética de Jesus: uma leitura dos evangelhos a partir de suas ações / Luiz de Carvalho.

– Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-02-13914-1

1. Cristianismo 2. Ética 3. Evangelho 4. Jesus Cristo – Ensinaamentos 5. Novo
Testamento 6. Religião

I. Título.

26-365020.0

CDD-241

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética cristã: Teologia moral 241



ÍNDICE

PREFÁCIO – 4

1 – HUMILDADE COMO VIRTUDE – 5

2 – MISERICÓRDIA E O CENTRO – 8

3 – FIDELIDADE E RESILIÊNCIA – 11

4 – SUPERAÇÃO DE FRONTEIRAS – 14

5 – DOIS SENHORES – 17

6 – FARISEUS – 20

7 – NÃO RETALIAÇÃO – 23

8 – SOFRIMENTO E PROPÓSITO – 26

9 – PRIMEIROS CRISTÃOS – 29

10 – GRAÇAS E MÉRITO – 32

PREFÁCIO

Nascido de princípios, o comportamento ético se traduz em gestos visíveis e seus impactos reais. Enquanto a moral cristaliza visões de mundo em códigos e normas temporais, a ética é fluida, movida pela reflexão crítica. Diante do fato cotidiano, ela gera o questionamento e dá a autonomia necessária para romper com tradições arraigadas. Mais do que guiar quem age, a postura ética desconstrói certezas do observador, forçando-o a rever aquilo que julgava ser a reação correta diante da ação observável.

É exatamente essa dinâmica que os evangelhos e relatos das comunidades cristãs primitivas testemunham. Neles, Jesus frequentemente entra em choque com a moral e os costumes estabelecidos à sua época. Em encontros, decisões e conflitos, suas ações não têm como base códigos rígidos, mas a compaixão como fundamento. Ao não ajustá-las às expectativas, à lógica da eficácia ou ao consenso, ele expõe as contradições entre o Reino que anuncia e os sistemas de poder e riqueza.

A história mostra que suavizar, espiritualizar ou converter a atitude de Jesus em discurso sobre valores, afasta-o do confronto e das consequências decorrentes. Estruturas de poder, ontem e hoje, demonstram grande habilidade de se autopreservar, acumular riquezas e legitimar a violência, enquanto evocam seu nome. Os relatos neotestamentários testemunham que a fidelidade ao que Jesus viveu não conduz à segurança, ao sucesso ou ao reconhecimento. Frequentemente, levam ao conflito, à rejeição e à morte, promovidos por essas estruturas.

Ler os textos primordiais com seriedade é aceitar que eles não oferecem abrigo confortável, mas exigem posicionamento. Nas atitudes de Jesus e da cristandade primordial não há proposição de caminhos seguros, mas exigência ética que permanece viva e ativa, convidando o leitor à reflexão. Diante de um mundo marcado por violência legitimada, desigualdade extrema, mentira institucionalizada e religiosidade cúmplice, silenciar ou relativizar não é prudência — é negar as verdades que os evangelistas reportam.

Os capítulos a seguir não tentam explicar Jesus do ponto de vista teológico. Tampouco pretendem harmonizar suas palavras com estruturas históricas. A proposta é mais direta e incômoda: fazer com que se observem as narrativas e o caráter profundamente provocador que delas emerge. Se a leitura causar incômodo, não será por invenções mirabolantes, distorções ou excesso de rigor — embora tais argumentos venham a ser as justificativas daqueles que se sentirem confrontados.

1. HUMILDADE COMO VIRTUDE

Maria se vê diante de um fato inusitado e assustador (Lc 1, 38). Um mensageiro inesperado se apresenta a ela e lhe propõe ser mãe do ‘*Filho do Altíssimo*’. Confusa, hesita por um instante e o mensageiro lhe fala sobre sua prima Isabel que está grávida, apesar de estéril. A resposta ao chamado extraordinário e arriscado não acontece como fruto de negociação, deve ser incondicional. Maria se lança diante do desconhecido:

— *Aqui está a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.*

A autoidentificação como serva não expressa diminuição pessoal. Ela é fruto da percepção de que algo maior está em curso, ainda que seu alcance e as consequências permaneçam obscuras. Nos escritos neotestamentários, a grandeza daquele que serve não reside no exercício de controle, mas na abertura de si para que algo se realize sem que se detenha o domínio sobre o que há de vir.

Tendo tomado conhecimento de que Maria engravidara, a postura de José (Mt 1, 18–25), se insere no mesmo contexto. O carpinteiro, que possuía respaldo legal para expor a noiva ao escândalo, optou por não fazê-lo. Uma vez que ‘*eles não tinham coabitado*’, a culpa moral da gravidez recairia sobre ele, caso não a denunciasse. Angustiado, decidiu afastar-se em silêncio, renunciando ao direito legal, pois a denúncia teria consequências nefastas para a futura esposa.

— *José, sendo justo e não a querendo difamar, resolveu deixá-la em segredo.*

A justiça que caberia a José não se fez pela punição alheia, mas pela coragem de assumir sobre si a dor que recairia sobre a noiva. Por fim, através de revelação pessoal, ele aceita seguir o incompreensível caminho. Entrega-se ao imponderável e às consequências do que estaria por vir. Desse mesmo movimento também faz parte João, o Batista.

Pela linhagem, João Batista pertencia a uma família sacerdotal. Filho de Zacarias, que servia no Templo de Jerusalém (Lc 1, 8; Lc 1, 63), poderia naturalmente integrar o sacerdócio do Templo. Entretanto, João se afasta e escolhe a vida austera e simples no deserto da Judeia (Lc 1, 80), onde pratica o batismo de arrependimento. Seus discípulos acreditavam que ele seria o Messias esperado. João refutou a ideia:

— *Aquele que vem depois de mim, eu não sou digno de desatar suas sandálias.* (Jo 1, 27)

A recusa não é fruto de falsa modéstia, mas expressa consciência dos próprios limites. João, compreende a si mesmo como parte de algo maior e não como seu centro, mesmo

quando a expectativa externa o empurra nessa direção. Enquanto pregava no deserto, se aproxima dele o primo, Jesus de Nazaré. (Mt 3, 13–17)

Jesus, quando se submete ao batismo ministrado por João, aprofunda o entendimento de submissão humilde. Entrar na fila dos que confessam faltas o coloca voluntariamente ao lado daqueles que reconhecem fracassos e limites. O gesto rompe com qualquer ideia do messianismo conectado ao privilégio ou distanciamento. Ao contrário, o Messias se apresenta pública e humildemente próximo à condição humana, abdicando a qualquer posição de exceção.

Por diversas vezes ele propõe a prática humilde e sincera, em detrimento da exposição arrogante. A parábola do fariseu e do publicano (Lc 18, 9–14) explicita o contraste entre as duas atitudes interiores. O fariseu, figura socialmente respeitada, apresenta diante de Deus uma lista de virtudes e atitudes religiosas:

— *Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os demais homens... jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho...*

A oração do fariseu é um monólogo autorreferente. Por sua vez, o publicano, figura socialmente detestável, permanece à distância de cabeça baixa, bate no peito e diz:

— *Ó Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!*

A conclusão é direta:

— *Digo a vocês! O publicano voltou justificado para sua casa, e não o outro.*

A humildade do publicano nasce da necessidade interior que o conduz ao reconhecimento do próprio fracasso. Ele não transforma a própria vida em currículo de autojustificação. A parábola deixa claro que expor a insuficiência de forma sincera se torna o ponto de partida aceitável para a reconciliação com Deus.

Em outro momento, enquanto caminhavam para Jerusalém, os discípulos discutiam entre si sobre quem seria o maior (Lc 9, 46). Assim que Jesus percebe a discussão, se estabelece entre eles o constrangimento silencioso. De modo didático, Jesus chama uma criança para junto de si e afirma:

— *Aquele dentre vocês que for o menor, esse será o maior.*

A criança representa alguém que ainda não ocupa posições de poder ou prestígio, provavelmente tendo se aproximado apenas por curiosidade, sem outras intenções. Colocá-la ao lado dele como modelo é negar a ordem hierárquica baseada em visibilidade e domínio. O maior dentre os que buscam posição não é o mais sábio, possuidor de força ou socialmente importante, mas aquele que não busca ocupar o lugar central para governar os demais.

Essa inversão atinge seu ponto mais concreto na passagem conhecida como *Lava-pés* (Jo 13, 1–17). Durante a última ceia, Jesus assume o papel do servo doméstico e desempenha uma tarefa percebida como constrangedora pelos demais:

— *Levantou-se, tirou o manto, pegou uma toalha... e começou a lavar os pés dos discípulos.*

Pedro se espanta com a atitude. A resposta de Jesus é simples e direta:

— *Se eu lavei os pés de vocês, também vocês devem lavar os pés uns dos outros.*

Implícita, está a recusa de qualquer espiritualidade que confunda grandeza com sucesso ou poder. Em um contexto religioso frequentemente marcado pela busca de reconhecimento, *status* e exibição de pretensa piedade, os gestos de Jesus diante dos que o seguem apontam para o modo de agir humilde, em que se rejeitam pretensões de grandeza e centralidade.



Maria Visita Isabel

2. MISERICÓRDIA E O CENTRO

Maria — a jovem da aldeia de Nazaré — está grávida e vai ao encontro da prima Isabel, que também espera uma criança. Assim que a vê, de sua alma eclode o cântico conhecido como *Magnificat* (Lc 1, 46–55).

*‘A minha alma glorifica o Senhor,
meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,
porque olhou para a humildade de sua serva...
Manifestou o poder do seu braço, dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens e os ricos despediu de mãos vazias...’*

O sentimento que brota do peito de Maria não trata de abstrações. Envolve fome, riqueza, poder e humilhação. O centro se desloca para onde antes havia invisibilidade. Frustrou-se a ideia de um messianismo ligado à pujança. Aquele que há de vir não crescerá entre poderosos, mas na pequena e desprezada Nazaré da Galileia, filho do carpinteiro José:

— De Nazaré pode vir algo bom? (Jo 1, 46)

Jesus, por muitas vezes, confirmará esse entendimento. O grupo que o acompanha durante sua missão manifesta a mesma lógica de inversões. A presença de mulheres, que proveem o necessário com os próprios bens (Lc 8, 1–3), rompe com pressupostos culturais arraigados. Em um contexto no qual o debate em espaço público era normativamente ocupado por homens e o testemunho feminino possuía pouco ou nenhum valor, a presença de *‘Maria Madalena..., Joana, Susana e muitas outras’* aponta para a reorganização das relações.

O fato de servirem *‘com os seus bens’* destaca a dimensão social e econômica, em lugar da assistência doméstica oculta. Dissolve-se qualquer pretensão de organização exclusivamente masculina. As mulheres são reposicionadas do papel de objetos daquilo que Jesus propõe para sujeitos da ação e colaboradoras.

Quando Jesus se refere ao *‘próximo’*, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25–37), lança no ar a resposta à pergunta feita por um dos ouvintes: *‘Quem é o meu próximo?’*. O homem caído à beira do caminho é um desconhecido. Os representantes da religião estabelecida — o sacerdote e o levita — se comportam preservando pureza ritual e segurança, *‘passando ao largo’*. O agente da compaixão é justamente o samaritano *‘herege’* e *‘impuro’*.

‘Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão’.

Jesus termina por perguntar:

— *Qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?*

A resposta é clara e o centro passa a ser ocupado por aquele que age piedosamente, não pelos que pertencem ao grupo socialmente admirado.

No encontro com Zaqueu (Lc 19, 1–10), o deslocamento ocorre a partir de um evento público na vida daquele homem rico que, por sua profissão, encontrava-se socialmente à margem. Zaqueu sobe em uma árvore para ver o Mestre em meio à multidão. Jesus olha para ele e o chama pelo nome:

— *Zaqueu, desce depressa, hoje farei pouso em tua casa!*

O fato é um escândalo: Jesus escolhe justamente a casa de um ‘pecador’ como lugar de hospedagem e comensalidade. A aceitação gratuita não redime Zaqueu do seu estado de acumulação injusta, mas desencadeia, durante o encontro, a transformação imediata e concreta:

— *Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se roubei de alguém, restituo-lhe quatro vezes mais.*

A reorganização das relações econômicas surge como consequência direta do acolhimento. O que estava à margem não é apenas reintegrado, torna-se também agente de reparação. Por fim, Jesus declara:

— *Hoje a salvação entrou nesta casa!*

Nesse contexto, a afirmação pode ser lida como constatação de mudança efetiva, visível no reconhecimento do erro, na partilha e na restituição do que fora injustamente tomado.

Jesus amplia o movimento da compaixão e misericórdia e coloca em discussão o mérito a partir de uma dinâmica familiar na parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 1–32). O filho mais novo, que desperdiça os bens e rompe os vínculos parentais, depois de muito sofrer retorna à casa, onde não encontra punição proporcional, mas o acolhimento imediato.

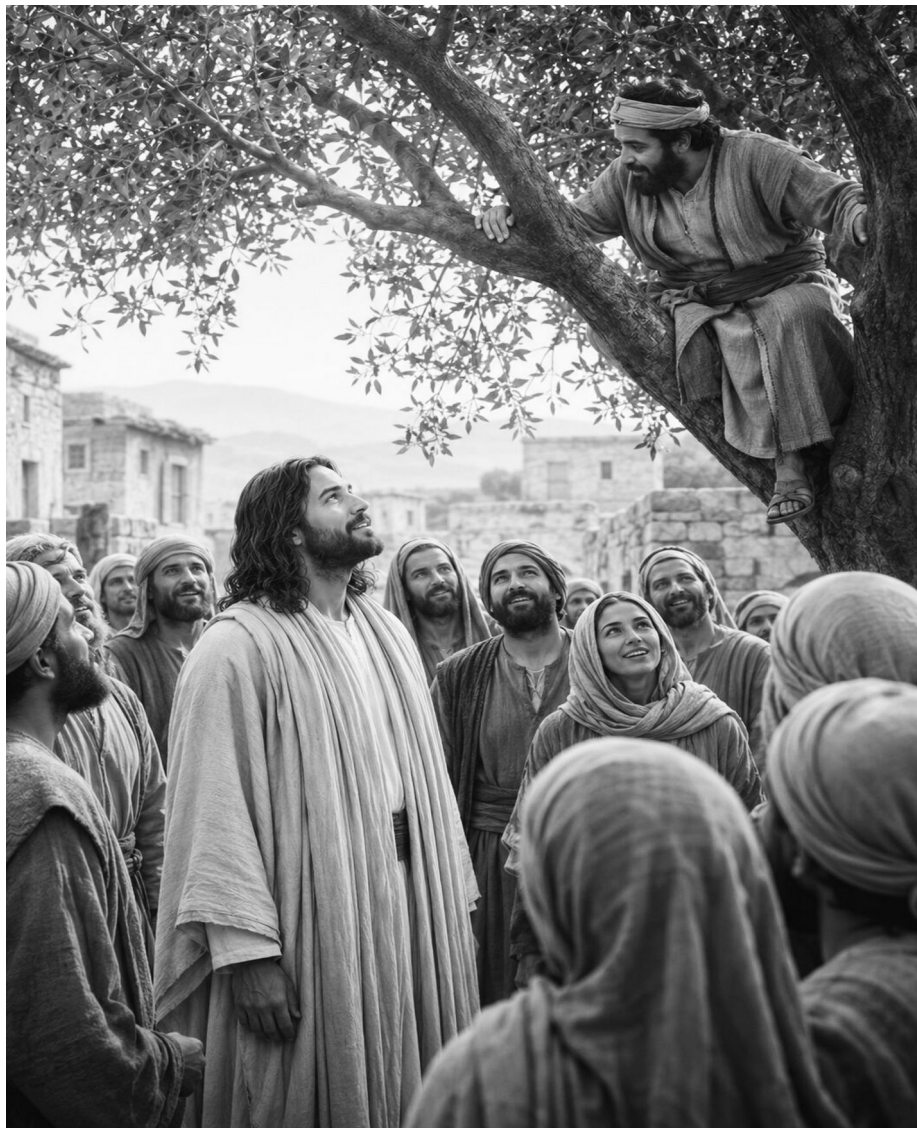
‘*O pai, ao vê-lo de longe, movido pela compaixão, correu-lhe ao encontro, o abraçou e o beijou.*’

A atitude do pai que ‘*corre ao seu encontro*’ e restaura-lhe a filiação acontece antes mesmo de um discurso de arrependimento por parte do filho e revela a gratuidade que precede e supera qualquer avaliação de merecimento.

— *Tragam depressa a melhor túnica para vesti-lo... vamos comer e festejar, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.*

O conflito se estabelece na reação do filho mais velho, que não consegue aceitar a reintegração gratuita do irmão. A tensão expõe que a redefinição do centro não afeta apenas aquele que estava perdido, mas os que se consideram incluídos por pretensão direito adquirido.

Em suma, o centro não é lugar fixo, protegido por critérios de pureza, mérito ou pertencimento, mas se desloca para onde há necessidade e rejeição. Passa a ser o espaço onde a dignidade é restaurada e as relações são recompostas, embora possa haver conflitos pela presunção de pertencimento meritório.



Jesus e Zaqueu

3. FIDELIDADE E RESILIÊNCIA

A trajetória de Jesus é marcada por escolhas que recusam soluções imediatas. A resiliência expressa em seus gestos se expressa como fidelidade a um modo de pensar e agir que não se submete à urgência do resultado. O episódio das tentações no deserto (Lc 4, 1–13) apresenta, de forma condensada, essa forma de ação.

Jesus, provavelmente durante o tempo em que esteve com João Batista, se retira para o deserto da Judeia, lugar inóspito e cercado por ideias de provação, impureza e morte. No Yom Kippur — Dia da Expição — era enviado para lá um bode expiatório, que representava a expulsão dos pecados de Israel. A permanência prolongada no deserto era capaz de provocar fome extrema, exaustão e alucinações.

Após um período prolongado de jejum, Jesus sente fome. A proposta que se apresenta para ele de forma misteriosa é simples: transformar pedras em pão. Trata-se de um atalho capaz de resolver a necessidade imediata. A recusa, no entanto, se fundamenta em não permitir que a fome se torne critério absoluto da ação. O gesto indica que nem toda solução imediata deve ser adotada apenas por sua eficiência.

— *Nem só de pão vive o homem...*

Outra proposta desloca o foco para o poder visível. Jesus se percebe no ponto mais alto do Templo, de onde vislumbra *‘todos os reinos do mundo’*. A oferta tentadora de domínio messiânico sobre reinos apresenta-se como oportunidade de transformação rápida da realidade. O controle das engrenagens políticas surge como meio para impor uma nova ordem. O custo, porém, é a submissão aos mecanismos que sustentam esse mesmo poder.

A rejeição a esse caminho não decorre de desprezo pela injusta e opressora realidade social, mas da percepção de que aderir às estruturas tradicionais de poder comprometeria o sentido maior da transformação desejada. Essa via requer sujeição a sistemas historicamente violentos e corruptores, que cobram preço incompatível com os objetivos a serem alcançados.

— *Só ao Senhor, teu Deus, adorarás...*

Por fim, surge a espetacularização como proposta, a partir da expectativa de proteção divina e reconhecimento público. Lançar-se do alto do Templo, confiando em intervenção extraordinária, seria uma forma de legitimação imediata diante da multidão. A cena desloca a ação para o campo da visibilidade e da prova.

A nova recusa rejeita a tentativa de manipular o desígnio divino em favor próprio. O uso de provas baseadas em ações espetaculares para validar a crença é rejeitado. A adesão deverá ser incondicional, sem depender da aprovação pública.

— *Não tentarás o Senhor, teu Deus...*

Após a experiência no deserto, Jesus inicia sua vida pública. Ele não demonstra, de forma inequívoca, a intenção de captar credibilidade e seguidores por meio de atos maravilhosos. No início do ministério, em Nazaré, se estabelece um conflito (Mc 6, 1–6; Lc 4, 22–24). Menosprezam-no pelo fato de ser filho de Maria e de conhecerem seus irmãos. Querem que repita os feitos de Cafarnaum, mas ele não o faz. E reage:

— *Só em sua própria terra e entre seus parentes um profeta é desonrado... e não pôde fazer ali nenhum milagre...*

Observe-se o caso da mulher que sofre por doença hemorrágica durante doze anos, tendo esgotado todos os recursos financeiros com médicos (Mt 9, 20–23; Mc 5, 25–34; Lc 8, 43–48). Ela tenta se aproximar dele em meio à multidão. Como não consegue, pensa: ‘*se ao menos eu conseguir tocar em suas vestes...*’. Assim, ao tocá-lo, ela percebe que a hemorragia cessou. Jesus para e pergunta aos que estavam próximos quem o havia tocado.

A cura ocorre como resposta à fé daquela que o toca e não por iniciativa de Jesus com o intuito de se promover. Ao final, ele declara:

— *Tua fé te salvou, vá em paz.*

Ainda em consonância com o episódio da tentação, enquanto caminhavam todos para Jerusalém (Lc 9, 51–56), pedem pouso em uma aldeia samaritana que se recusa a recebê-los. Tiago e João desejam que desça ‘*fogo dos céus*’ para que sejam consumidos os moradores do lugar.

Jesus adverte os seguidores sobre o poder como arma de vingança ou coerção. Mostra a necessidade de suportar o comportamento hostil e a falta de reconhecimento sem retaliações. O caminho para Jerusalém não pode ser pavimentado com ‘*fogo*’ ou violência contra os que mostram rejeição.

Em outro momento, quando Jesus sacia o povo faminto, tentam proclamá-lo rei (Jo 6, 15). Entretanto, ele se retira para um lugar elevado e põe-se a orar. O gesto rompe com a possibilidade de capitalizar o entusiasmo coletivo.

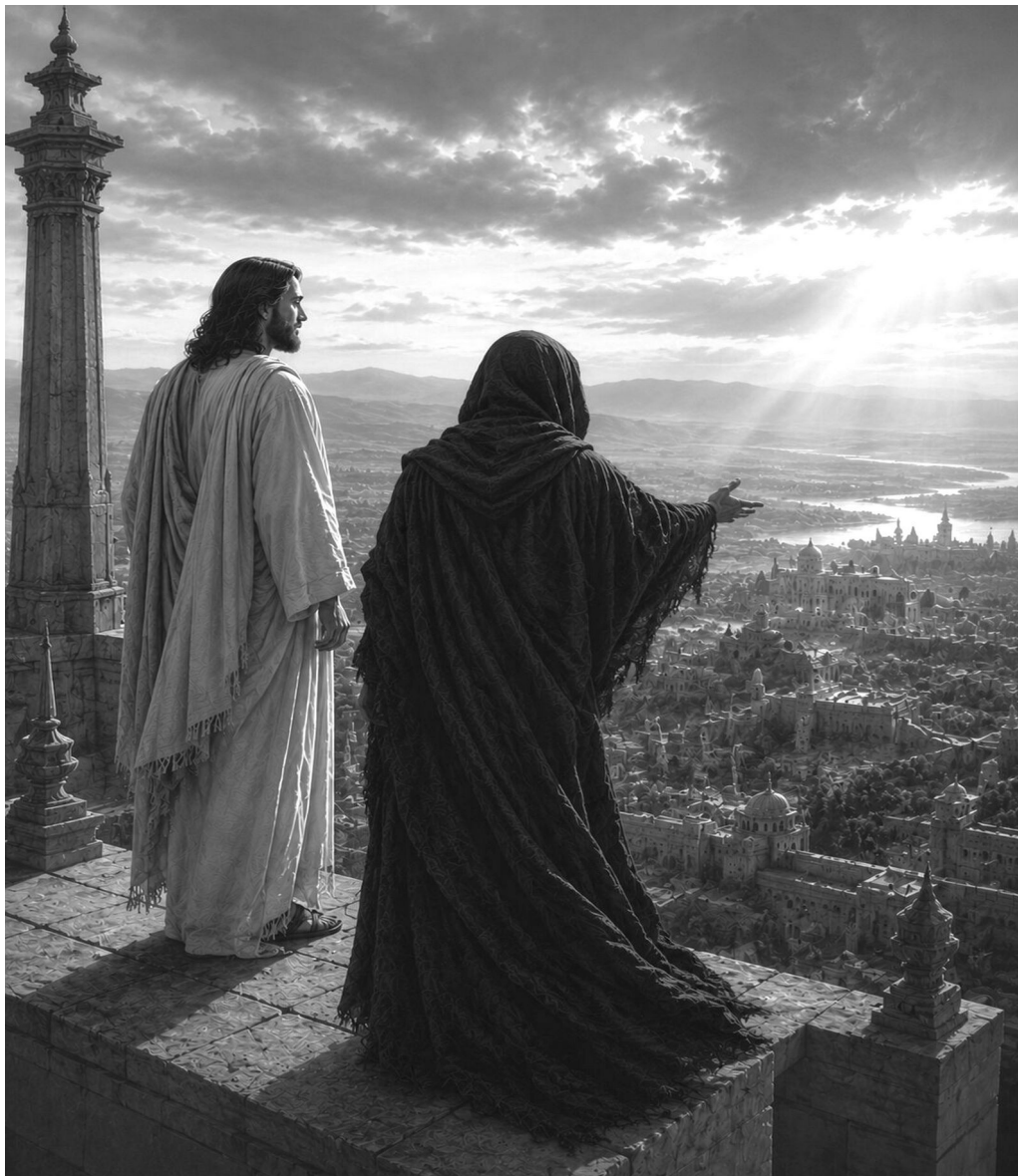
No Horto das Oliveiras (Lc 22, 42) a resiliência é posta à prova da forma mais dura. Jesus, em sua humanidade, é acossado pelo instinto de preservar a vida, evitar a agonia e a morte. Sente-se só, enquanto os discípulos dormem. Ora entre lágrimas:

— *Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice!*

Ele percebe o horror do sofrimento violento que se aproxima e lhe será aplicado como pena pelo sistema de poder que rejeitara na tentação do deserto. No entanto, renuncia ao caminho seguro:

— *Porém, não se faça a minha vontade, mas a Tua!*

Das tentações no deserto à angústia do Getsêmani, os relatos apresentam Jesus recusando atalhos e permanecendo fiel ao caminho escolhido.



A Terceira Tentação

4. SUPERAÇÃO DE FRONTEIRAS

No poço de Sicar (Jo 4, 1–42), Jesus se depara com uma mulher samaritana. A cena reúne múltiplas transgressões: o rabi judeu inicia uma conversa em local público, com uma mulher, que é samaritana, e se detém em longo diálogo fora dos espaços formais. Cada um desses elementos já seria suficiente para causar estranhamento.

O diálogo se inicia a partir de uma necessidade simples — água — e se desenvolve sem pressa. Jesus não evita o contato nem tenta encerrá-lo rapidamente. A mulher, por sua vez, expressa surpresa diante da quebra de protocolos:

— *Como tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?*

A pergunta explicita o peso das fronteiras. A resposta de Jesus não as reforça, nem as explica. O encontro prossegue e é justamente a continuidade que desfaz a separação. A relação se constrói no tempo compartilhado, não na resolução das diferenças.

Os discípulos se aproximam e observam a cena com espanto. No desfecho do episódio, a mulher torna-se mediadora do encontro entre Jesus e sua comunidade samaritana. O testemunho que ela provê não se ancora em autoridade formal, mas na experiência vivida durante o encontro.

Retornando à narrativa da mulher que sofria com fluxo de sangue (Mc 5, 25–34), salienta-se que ela vivia em isolamento há doze anos devido às leis de ‘pureza’, estando proibida de tocar em qualquer pessoa. Quando Jesus a chama publicamente de ‘filha’, rompe amorosamente o estigma social. O ato decorre da compaixão e supera as barreiras rituais da época.

A quebra de barreiras também é manifesta em (Lc 7, 1–10). Jesus atende ao pedido de um oficial romano, representante do poder militar e político que ocupa o território da Judeia e arredores. A narrativa não o reduz à sua função institucional. O soldado demonstra preocupação genuína com seu servo. Aproxima-se, movido pela fé, mesmo não sendo israelita, mas estrangeiro — ou ‘gentio’. Assume atitude humilde diante da situação:

— *Senhor, não sou digno de que entres em minha casa.*

A reação de Jesus é de admiração pública. Volta-se para os presentes e declara:

— *Digo a vocês, nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé!*

A declaração carrega o juízo que inverte valores: a fé exemplar é encontrada no coração do aparelho militar estrangeiro, não no *establishment* religioso de Israel. O desfecho confirma que a compaixão não pode ser contida por fronteiras preestabelecidas.

Jesus esteve entre os gerasenos (Mc 5, 1; Mt 8, 28; Lc 8, 26), gentios de cultura grega. Contudo, sua passagem pelo local provoca forte rejeição. Causou prejuízo financeiro — a morte de centenas de porcos — o que assustou os moradores locais. Pediram para que se afastasse dali (Mc 5, 17; Mt 8, 34; Lc 8, 37). Ele atendeu ao pedido, mas continuou a ensinar em cidades próximas (Mc 7, 31; Mt 15, 29) onde foi acolhido.

Em passagem pela região pagã de Tiro e Sidom, aproxima-se dele uma mulher gentia, que lhe pede desesperadamente a cura da filha (Mt 15, 21–28 e Mc 7, 24–30). Num primeiro momento, Jesus não a atende de imediato e parece rude, quando afirma não ser justo *‘tirar o pão dos filhos para dar aos cachorrinhos’*. Ela insiste no pedido:

— *Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.*

Admirado com a resposta, ele reage com entusiasmo e declara:

— *Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como você quer!*

A ótica da superação de fronteiras também é manifesta metaforicamente na parábola do Grande Banquete (Lc 14, 15–24). Os convidados para a festa recusam o convite, presos a compromissos considerados legítimos. Com lugares ainda vazios, o anfitrião manda buscar mais pessoas, insistindo para que venham, de modo que a casa fique cheia.

— *Vá depressa pelas ruas e becos da cidade e convide os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos!... Vá pelos caminhos e atalhos e faça com que venham! Insista para que todos entrem!*

Os critérios de seleção são abandonados. O foco não está mais em quem deveria estar presente, mas em garantir que o espaço não permaneça vazio. A mesa é lugar de acolhimento até mesmo para aqueles que estavam fora do circuito de reconhecimento social.

As ações e palavras de Jesus revelam, de modo consistente, a recusa em restringir o valor das pessoas a critérios étnicos, culturais ou religiosos. Suas escolhas atravessam fronteiras simbólicas e expõem a superficialidade dos limites que organizavam a vida social de seu tempo. Pluralidades não são eliminadas. Recusa-se, porém, que sejam usadas como justificativa para exclusão ou indiferença.

A novidade que Jesus propõe não é a restauração de um reino beligerante com base em crenças e heranças, conforme esperavam alguns, mas expandir fronteiras, dar pleno cumprimento às promessas ancestrais e aos anúncios proféticos, por meio da instauração da misericórdia e da ruptura com modos de ação cristalizados e desumanos.

— *Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso*" (Lc 6, 36)



Jesus e a Samaritana

5. DOIS SENHORES

Ao afirmar que não é possível servir a dois senhores – a Deus e a Mamom, sendo o segundo a personificação das riquezas (Mt 6, 24) – Jesus não se refere a um conflito metafísico, mas aponta para a incompatibilidade prática. A dedicação integral à acumulação exige tempo, energia e lealdade. Ela ocupa o espaço que poderia também ser destinado à escuta do outro, cuidado e partilha. A riqueza, quando absolutizada, se torna critério organizador da vida.

A advertência contra a ansiedade

— *Não se preocupem com o que haverão de comer ou vestir...* (Mt 6, 25–34)

não propõe descuido com a sobrevivência, aponta para o desgaste produzido pela tentativa constante de garantir o futuro por meio do acúmulo. A ansiedade nasce da crença de que tudo depende do controle individual. O convite é feito para que se relativize essa pretensão, abrindo espaço a uma forma de vida menos centrada na autopreservação.

a parábola do rico insensato (Lc 12, 13–21) a crítica se explicita a partir do homem que colhe abundantemente e não enfrenta escassez ou ameaça externa. Seu problema surge justamente da abundância. Precisa ampliar seus celeiros e projeta um futuro de descanso e segurança.

— *E direi a mim mesmo: ‘Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’.*

A vida foi reduzida a um projeto individual de descanso e prazer. A surpresa ocorre quando esse propósito é interrompido de forma abrupta, pois a morte o alcança de forma inesperada, revelando a fragilidade da existência e a ineficácia dos bens como instrumento de garantia de um futuro tranquilo.

Contornos mais diretos se manifestam no encontro com o jovem rico (Mc 10, 17–22). O homem se aproxima com respeito, busca orientação e demonstra empenho. Sua pergunta revela desejo de fazer o que é correto. A resposta inicial de Jesus confirma sua trajetória ética. No entanto, o convite seguinte desloca o eixo da questão:

— *Vá, venda tudo o que tem, dê aos pobres... depois venha e me siga.*

O ponto de tensão não se manifesta na observância de normas e preceitos, mas no vínculo com os bens. O chamado toca exatamente onde a segurança pessoal está ancorada. A reação do jovem — tristeza e afastamento — evidencia o custo do desapego. Ao comentar o episódio, Jesus observa o impacto sistêmico da riqueza:

— *Quão dificilmente entrarão no Reino os que têm riquezas...* (Mc 10, 23–31)

Em contraste, a atitude da viúva que depositou duas pequenas moedas no tesouro do templo (Mc 12, 41–44) revela ainda outro entendimento. A oferta é insignificante em valor absoluto, mas total em proporção. A viúva não contribui com base no que lhe sobra, mas entrega o pouco que tem para viver.

Enquanto os demais, que têm posses, oferecem sem risco, a viúva se expõe. O valor do gesto não está na quantia, mas no grau de entrega. A narrativa altera o critério de avaliação: não quanto se dá, mas o que se coloca em jogo ao doar.

Essa compreensão se estende ao envio dos discípulos, orientados a não levarem dinheiro, sacola ou provisões extras (Lucas 9, 3; 10, 4). A instrução não é um teste de fé, mas experiência prática de vulnerabilidade. Ao abrir mão de garantias, eles se tornam objetos da ajuda alheia.

Ao apontar para os *‘lírios do campo’*, que possuem mais beleza estética que o rei Salomão, Jesus lança a crítica ao excesso de preocupações quanto à subsistência e ensina que a inquietação quanto ao futuro não deve sufocar o desapego, essencial à novidade proposta. (Lc 12, 27–31)

— *Não se deixem consumir pela ansiedade. As pessoas deste mundo estão sempre preocupadas, mas o Pai sabe do que precisam antes mesmo que peçam.*

Jesus é claro sobre a efemeridade das riquezas (Mt 6, 19–21), que são passageiras e sujeitas ao roubo e à destruição. Alerta sobre o risco do apego:

— *Acumulem tesouros no céu, onde nem a traça, nem a ferrugem o corroem, e onde ladrões não roubam!... pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.*

A escolha produz consequências práticas, ainda que percebidas lentamente. O Reino proposto começa pequeno e aos poucos ganha proporção (Lc 13, 18–19). Ao tentar explicar esse Reino, Jesus o compara a *‘um pequeno grão de mostarda semeado, que cresceu e se tornou uma grande árvore para onde vêm as aves e ali fazem seus ninhos’*.

Jesus conta ainda uma assustadora parábola quanto ao destino de um homem rico que despreza o pobre que espera por migalhas à sua porta (Lc 16, 19–31). Ambos morrem e *‘o pobre vai para os braços de Abraão’*, enquanto o outro segue para *‘um lugar de tormentos’*. Ao obcecado pelas riquezas é dito recebera os frutos da vida de luxo e fartura.

Lucas não deixa claro o motivo da condenação. A indiferença, a dureza de coração para com o homem desprovido e machucado parece ter sido a razão, pois *‘até os cães vinham lamber suas feridas’*, enquanto esperava pelas migalhas da mesa do rico.

O Reino não aparece apenas como esperança futura, mas como realidade que começa no presente e aponta para o perigo da relação com as posses. Se o coração segue o tesouro, a riqueza pode facilmente converter-se em obstáculo à compaixão.



Lázaro e o Rico

6. FARISEUS

Nos discursos dirigidos aos líderes religiosos – escribas e fariseus – (Mt 23), as denúncias que Jesus faz se concentram em comportamentos observáveis, tais como a busca por lugares de honra, o gosto por saudações públicas, a visibilidade por meio dos adereços presos às vestes. São gestos cotidianos que revelam a preocupação constante com a visibilidade e o reconhecimento.

A incoerência se torna ainda mais evidente quando a exigência imposta aos outros não é acompanhada por disposição semelhante. Ao afirmar que eles *‘atam fardos pesados, difíceis de suportar, sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não querem movê-los nem com um dedo’*, Jesus expõe a incoerência prática. A autoridade religiosa é exercida sem disposição de compartilhá-los.

A metáfora do copo e do prato limpos por fora, mas sujos por dentro (Mt 23, 25–26), condensa essa crítica de forma incisiva. O cuidado com a aparência externa contrasta com a negligência do conteúdo. O problema está na seletividade do zelo. Quando o foco se restringe ao visível, a justiça e a compaixão terminam por se esvaziar. A crítica se intensifica ainda mais no discurso contra o comportamento farisaico (Mt 23, 27)

— *Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que são semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície!*

A exclamação *‘hipócritas!’* não funciona como insulto vazio, mas como descrição de uma postura específica. A hipocrisia consiste em representar um papel, em sustentar uma identidade pública que não corresponde à prática cotidiana esperada. Trata-se de uma forma de fragmentação entre o que se mostra e o que se vive.

Essa tensão também aparece nas advertências sobre a prática da esmola, da oração e do jejum (Mt 6, 1–18). Em cada caso, o mesmo padrão se repete: ações que poderiam expressar cuidado e disciplina interior são convertidas em performances públicas. O gesto deixa de ser relacional e passa a servir ao exibicionismo.

— *Não pratiquem a justiça de vocês na frente dos homens, só para serem vistos por eles!*

A parábola do fariseu e do publicano (Lc 18, 9–14), já mencionada anteriormente, reaparece aqui sob outro ângulo. O fariseu não mente sobre sua condição, ela é real. O problema não está nos seus atos, mas na forma como eles são utilizados para justificar uma pretensa superioridade. A oração se transforma em autoexaltação. O publicano, por sua vez,

não apresenta credenciais. Sua postura é marcada por reconhecimento da fraqueza, pelo arrependimento e ausência de comparação. A inversão final — em que ele é justificado — reforça o critério que atravessa toda a crítica: rejeição à perfeição visível e valorização da integridade interior.

No banquete à casa de fariseu conhecido como Simão (Lc 7, 36–50), a cena é composta pelo contraste entre a atitude do anfitrião, e a da mulher tida como pecadora. Simão, observando Jesus, o julga com base em categorias de pureza ritual: *‘se tu fosses um profeta, saberias em que mulher estás tocando’*.

Como resposta, Jesus compara a atitude do fariseu com a da mulher e dá maior crédito a ela pela maneira amorosa e grata que demonstrou. Desnuda a frieza e a hospitalidade negligente, que cumpria as formas legais e sociais, sem cordialidade. O confronto expõe a religiosidade que julga a partir de categorias externas e se fecha aos gestos de fragilidade, arrependimento e amor, que se revelam na atitude daquela que era desprezada.

Durante a refeição na casa de outro fariseu (Lc 11, 37–44), o conflito se torna explícito e público. O anfitrião se admira que Jesus não tenha realizado as limpezas rituais antes de comer. A resposta de Jesus é uma denúncia direta, contundente, em linha com as denúncias de Mt 23, 27:

— *Vocês, fariseus, limpam o exterior do prato e do copo, enquanto o interior está cheio de roubo e maldade!*

Em um sábado, na sinagoga (Lc 13, 10–17), o confronto surge a partir do ato de compaixão que viola a interpretação rigorosa da lei do descanso sabático. Jesus cura uma mulher que há dezoito anos estava enferma. O chefe da sinagoga, indignado, critica o ocorrido. A réplica é incisiva:

— *Hipócritas! Cada um de vocês não leva para beber seu boi ou seu jumento, no sábado?*

O argumento expõe a desumanização da regra. A preocupação com o bem-estar de um animal era considerada exceção válida à lei do descanso, mas a libertação de uma pessoa em sofrimento de longa data era vista como violação.

A atuação de Jesus diante das lideranças religiosas não é marcada por um conflito superficial, mas pelo questionamento que expõe o abismo entre a piedade de aparências e a prática movida pela misericórdia e pela justiça. Visa desmascarar a espiritualidade performática, onde o cumprimento meticuloso de ritos e regras tem como finalidade construir e manter *status*, ao mesmo tempo que negligencia o cerne da lei: o amor a Deus e ao próximo.

A ética de Jesus não se ancora apenas em duras críticas, há disponibilidade para ensinar aqueles que desejassem escutá-lo. No encontro com Nicodemos, fariseu proeminente (Jo 3, 1–21), ele se estende pela noite em longa conversa pedagógica sobre a necessidade de transformação, o *‘nascido de novo’*, associada à transformação interior e à abertura ao Espírito. Nicodemos, embora não entendesse todas as nuances do diálogo, passa a acompanhar Jesus de maneira discreta. Em outro momento, ele resgatará da cruz o corpo do Rabi para prover-lhe o sepultamento digno.

As duras críticas proferidas por Jesus contra religiosos apontam para o risco constante e presente em qualquer estrutura religiosa. Sempre que normas e rituais passam a valer mais do que a caridade e a piedade, a prática se desvia de seu propósito original



Na Casa de Simão

7. NÃO RETALIAÇÃO

Reunido com os seguidores em um lugar amplo e plano (Lc 6, 27–36), Jesus faz o chamado à ética do amor incondicional, fundamentado na própria natureza de Deus. Convida os que o escutam à postura ativa de cuidado, generosidade e misericórdia para com todos.

— *Amem os inimigos, façam bem aos que vos odeiam, bendigam os que vos maldizem, orem pelos que vos caluniam. Àquele que bater na tua face, ofereça-lhe também a outra...*

É proposto o amor radical e incondicional, reflexo da bondade de Deus:

— *Sejam misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso!... Se vocês somente amarem os que vos amam, que mérito há nisso?*

Este ensinamento rejeita a ação baseada na reciprocidade e na justiça compensatória. O ato de ‘*oferecer a outra face*’ é uma estratégia de resistência não-violenta que expõe a irracionalidade da agressão na decisão de não replicá-la. O objetivo último é romper o ciclo automático de ação e reação, de maneira a expor o agressor à irracionalidade da própria violência.

Durante o encontro com a mulher acusada de adultério e seus acusadores (Jo 8, 1–11), explicita-se essa atitude de forma concreta. A mulher é cercada como objeto de julgamento coletivo e seria penalizada com a morte. Os acusadores estão prontos para apedrejá-la, ao mesmo tempo em que armam uma cilada para Jesus: negaria ele a legalidade da punição? Jesus se abaixa, risca algo no solo arenoso com o dedo e sua resposta suspende a condenação:

— *Aquele dentre vocês que estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar a pedra.*

O silêncio que se segue desmonta a lógica da violência legitimada. Um a um, ‘*a começar pelos mais velhos*’ os acusadores se retiram.

A cena não suaviza o erro, nem é relativizado o sofrimento que a mulher tenha causado, mas transparece a recusa de execução sumária como resposta. A questão é devolvida à esfera da responsabilidade pessoal. A resposta ‘*Vai e não peques mais*’ mantém a exigência ética, que não fere o outro, sem recorrer à aniquilação daquele que errou.

Quando Jesus derruba as mesas dos cambistas e com o chicote põe-se a expulsar animais que estavam à entrada do Templo (Mt 21, 13), o episódio pode ser interpretado como violento. Porém, o ato é de zelo legítimo, não de ataque pessoal. A crítica se dirige ao sistema religioso e seus mantenedores, que fazem da fé objeto de comércio.

— *Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’. Mas vocês fazem dela um covil de ladrões!*

A ação visa denunciar o afastamento da santidade que deveria permear o local de culto. O propósito não é a violência como meio de autodefesa ou vingança.

No momento da prisão de Jesus no Horto das Oliveiras, a negação da atitude violenta transparece (Lc 22, 49–51). Os discípulos, percebendo o que vai acontecer, perguntam:

— *Senhor, atacamos com a espada?*

Um deles corta a orelha do servo do sumo sacerdote e a reação de Jesus é imediata:

— *Pare, chega!... ‘E, tocando a orelha do homem, Jesus o curou.’*

O gesto ocorre no exato instante em que a traição se consuma e a prisão acontece. Curar a orelha do servo que cumpria seu papel é ato concreto de desarmamento. Jesus recusa o papel de vítima que revida e passa a agir em favor daquele que veio prendê-lo. É a ação concreta que decorre do ensinamento *‘faizei bem aos que vos odeiam’* a interromper o fluxo da violência, inserindo no seu lugar o gesto que confunde e desarma o agressor.

Essa postura aparece também na atitude de Jesus diante de insultos, acusações e agressões físicas ao longo de seu percurso final até a cruz (Mt 27, 40).

— *Salvou os outros e a si mesmo não pode se salvar!... Confiou em Deus, que o livre agora se o ama, porque disse ‘sou Filho de Deus’!*

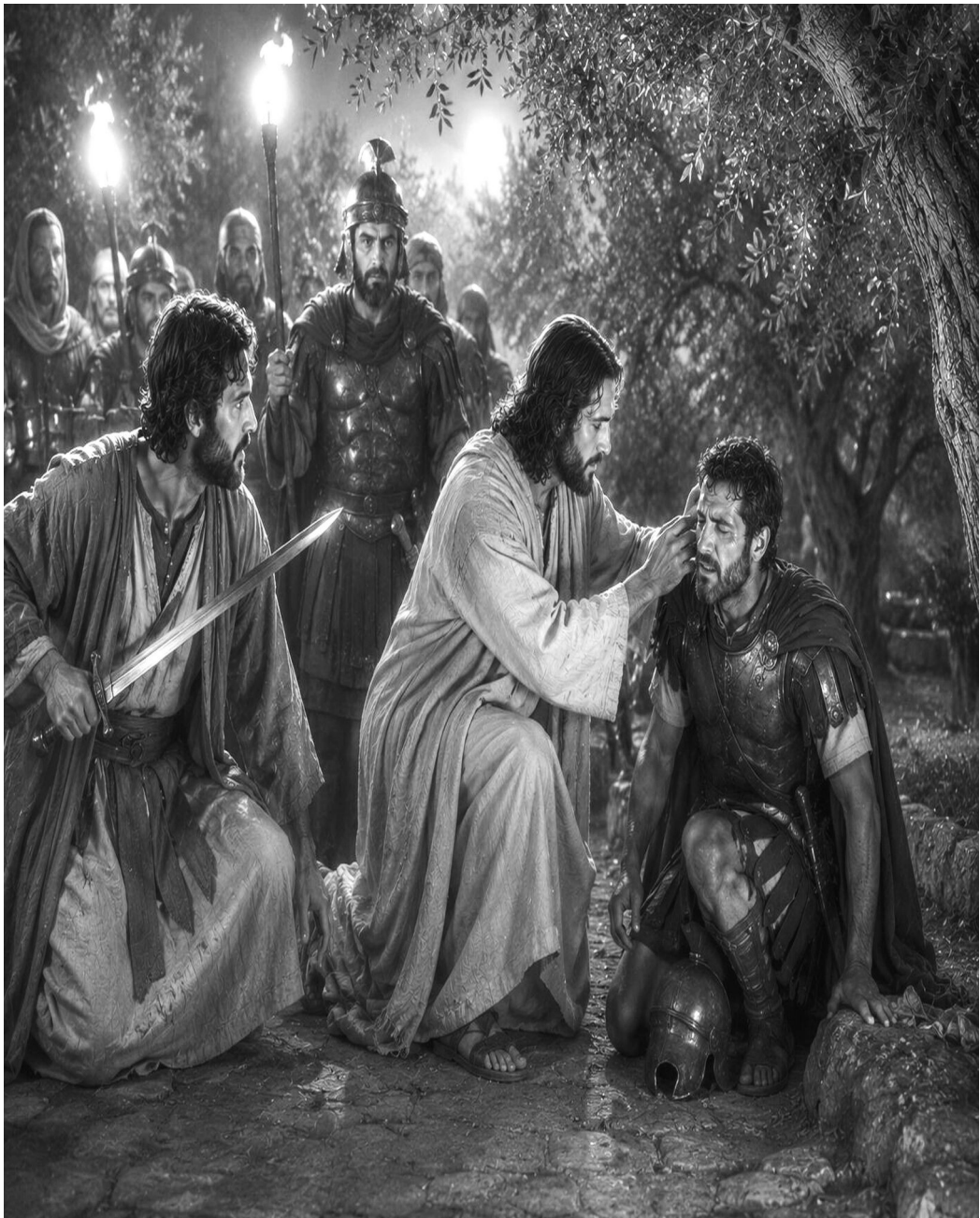
A ausência de resposta não decorre de incapacidade, mas de decisão consciente. Na cruz (Lucas 23:34), ápice do sofrimento infligido pela violência injusta, Jesus pronuncia as palavras que ninguém espera:

— *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*

Quando intercede por seus algozes, Jesus oferece a graça que restaura a relação. A justificativa *‘porque não sabem o que fazem’* é o diagnóstico. A violência frequentemente nasce da cegueira, da ignorância. O perdão, portanto, se torna a primeira intervenção em favor daquele que não enxerga e gesto gratuito que precede qualquer arrependimento.

O padrão que se revela é uma progressão da teoria à prática e da prática ao limite absoluto. Primeiro, o ensinamento que define os contornos do amor proposto (Lc 6, 27–36). Depois, a aplicação concreta em um momento de crise violenta, onde a cura substitui o contra-ataque (Lc 22, 49–51). Finalmente, a consumação extrema: o perdão é oferecido no próprio ato da execução (Lc 23, 34).

Jesus não propõe uma fraqueza capitulante, mas a força de caráter de quem sofre o mal, sem replicá-lo. A recusa em responder na mesma medida não elimina a injustiça nem nega o dano sofrido. O que ela interrompe é a reprodução da própria violência. A atitude pacífica nasce da recusa em permitir que o mal determine a resposta. Na cruz, Jesus atestou o que defendera em vida.



Cura do Soldado

8. SOFRIMENTO E PROPÓSITO

Para falar do sofrimento, é interessante usar o exemplo de Jó. Observe-se sua atitude quando tudo lhe é tirado:

Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça, se lançou em terra, e adorou:

— Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá. O Senhor deu e o Senhor tomou, bendito seja o nome do Senhor.’ (Jó 1, 20–22)

Jó é exemplo da atitude de reconhecimento da dor como parte da vida, da fragilidade humana e, sobretudo, de desígnios que não compreende. Privado de bens, de entes queridos e da saúde, manteve-se firme em sua fidelidade. Sua atitude diante do sofrimento se aproxima da fidelidade demonstrada por Jesus diante do que o aguardava.

Jesus e os discípulos se aproximam de Jerusalém. O caminho é marcado por advertências sobre rejeição, violência e morte (Mc 8, 31; 9, 31; 10, 33–34). As falas são frutos da leitura realista do que ocorre quando a prática confronta normas e leis consolidadas. Jesus enfrentou poderosos em diversas situações e o sofrimento é antecipado como desdobramento previsível.

A reação dos discípulos evidencia a dificuldade em aceitar esse entendimento. Eles ainda esperam pelo messianismo glorioso e dominador. Reiteradamente, tentam redirecionar a conversa, disputam posições de destaque ou imaginam soluções que preservem reconhecimento e segurança. (Mt 20, 17–28; Mc 10, 32–38; Lc 22, 24–26). Eles ainda não percebem o contraste entre a expectativa e a possível realidade adversa: as atitudes de Jesus estão prestes a trazer perdas e dor.

A repreensão de Pedro (Mc 8, 32–33), explicita o conflito:

‘Pedro o chamou à parte, e começou a repreendê-lo.’.

A tentativa de afastar o caminho de sofrimento é tratada como obstáculo, não como cuidado. O problema não está no afeto que Pedro demonstra, mas na proposta que rompe com o percurso construído até ali. A aceitação do sofrimento por Jesus não decorre de inclinação à dor, mas da recusa em abandonar a coerência em troca de alívio.

A mesma tensão reaparece no pedido dos filhos de Zebedeu (Mc 10:35–39). A busca por posições privilegiadas revela a leitura equivocada do que está em jogo. A resposta desloca o critério de avaliação: grandeza não se associa a domínio, mas à disposição de assumir o custo do serviço. O martírio, nesse contexto, não surge como imposição arbitrária, mas é parte inseparável do modo de agir. Jesus faz referência, de forma cifrada, ao sofrimento e à morte violenta que os aguardam.

— *Vocês beberão do cálice que eu vou beber e serão batizados com o batismo com que serei batizado.*

Quando vislumbra Jerusalém, o lamento dirigido à cidade (Lc 13, 34–35) acrescenta uma dimensão importante a esse quadro. A dor é relacional, o sofrimento resulta da frustração diante da cidade que resiste à mudança, nasce da resistência persistente em acolher o modo diferente de organizar as relações, de ouvir a novidade que ele traz, antecipada pelos profetas:

— *Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que são enviados a você! Quantas vezes eu desejei reunir seus filhos, como a galinha reúne os pintinhos debaixo das asas, mas você não quis!*

Durante a solidão angustiante no Jardim das Oliveiras (Lc 22, 42), Jesus ora, enquanto os discípulos dormem. O conflito promovido pelo instinto de autopreservação que antevê a dor extrema, o fim violento, atinge o clímax.

— *Pai, se queres, afasta de mim esse cálice.*

A oração manifesta a plena humanidade de Jesus — a angústia, o pedido — e, ao mesmo tempo, antecede a decisão que dispensa o alívio e torna-se preço assumido. A aceitação do sofrimento é decisão livre e de fé, não de resignação passiva.

— *Porém, seja feita a Tua vontade, não a minha.*

Tendo sido Jesus preso, o confronto atinge o clímax. No julgamento perante o sumo sacerdote ele manterá a coerência, o que terá consequências drásticas. O silêncio diante das acusações e a recusa em responder às provocações reforçam o caminho trilhado. Não há tentativa de amenizar o discurso para se ver livre da iminente condenação (Mc 14, 60–61).

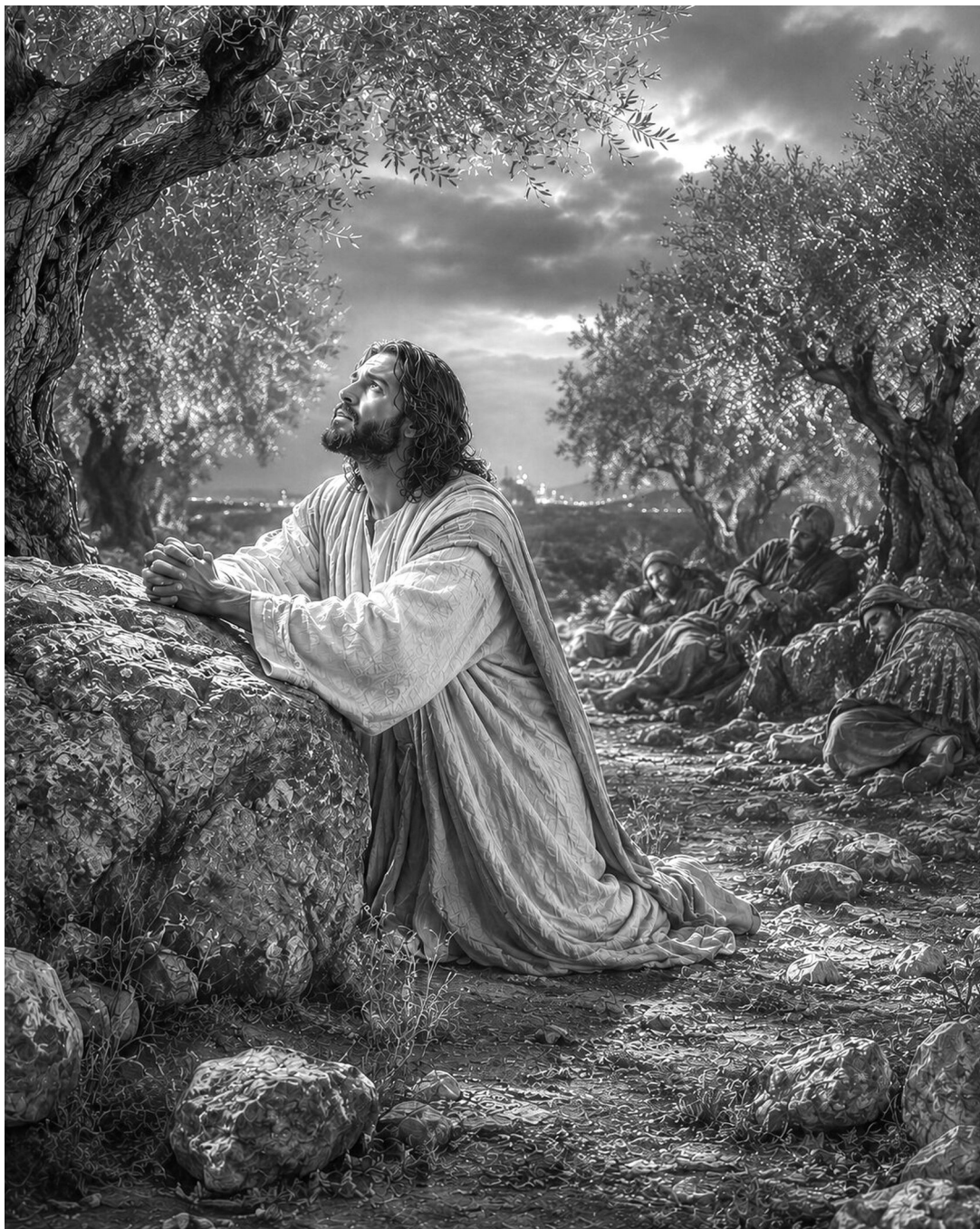
— *Nada respondes aos que te acusam?*

Naquele mesmo momento, movido pelo medo, Pedro nega conhecer Jesus por três vezes ‘e chora amargamente’ (Mt 26, 69–75).

O sofrimento não aparece como elemento buscado ou idealizado, mas é consequência de escolhas que se mantêm coerentes mesmo quando o custo é elevado. A experiência da dor não é apresentada como virtude em si, mas como resultado de permanecer fiel ao modo de agir que entra em conflito direto com expectativas sociais, políticas e religiosas.

Relembrando Jó, a postura de Jesus contraria qualquer noção de que a fidelidade a Deus garanta uma vida blindada contra a dor, repleta de fartura ou felicidade. A partir da atitude assumida, entende-se o sofrimento como resultado de escolhas e do imponderável.

A força que emerge não está na invulnerabilidade, mas na coragem de manter-se coerente, fiel e amoroso até o final. Revela-se o caminho de transformação que não evita o risco pessoal.



Agonia no Jardim das Oliveiras

9. PRIMEIROS CRISTÃOS

Os primeiros cristãos aderiram aos ensinamentos de Jesus sobre desapego, amor ao próximo e prioridade do cuidado mútuo, manifestadas na prática espiritual, econômica e social. A comunhão se expressa na partilha dos bens. Não se trata de utopia, mas de resposta aos ensinamentos recebidos, que visavam eliminar a necessidade dentro da comunidade.

A descrição da vida comunitária apresentada por Lucas (At 2, 42–47) mostra ação fundamentada em gestos eficazes:

‘Perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações... Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens e repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um.’

A perseverança na comunhão se expressava também na decisão de desfazer-se da propriedade para garantir que não houvesse necessitados. O *‘partir do pão’* era símbolo e realização desta unidade, integrando a celebração com a partilha material. A reciprocidade era integral, a fé comum gerava responsabilidade mútua que se estendia a todos os aspectos da vida, dissolvendo a distinção entre o *‘meu’* e o *‘teu’* em favor do *‘nosso’* no âmbito das necessidades básicas.

— *Era um só coração e uma só a alma dos que criam. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum... Não havia entre eles necessitado algum... e se repartia a cada um segundo a sua necessidade.* (At 4:32–35)

A expressão *‘um só coração e uma só alma’* descreve a unidade interior manifestada na renúncia voluntária ao direito absoluto de propriedade. A venda de propriedades e a entrega do valor aos apóstolos não constituíam imposição legal, mas a resposta generosa e espontânea ao princípio da gratuidade.

O sistema de distribuição *‘segundo a necessidade’* estabelecia a justiça baseada na suficiência para todos, não na igualdade matemática. A ética que emerge é a da superação do individualismo possessivo: a identidade em Cristo redefine as relações com os bens, transformando-os de instrumentos de segurança privada em recursos para o bem comum.

O episódio de Ananias e Safira (At 5, 1–11) ilustra, de forma dramática, a seriedade dessa nova ordem. O casal vende uma propriedade, mas retém parte do valor, trazendo apenas uma parcela, enquanto finge trazer o total. A acusação de Pedro é clara:

— *Vocês não mentiram aos homens, mas a Deus...*

O exemplo serve como advertência severa, mostrando que a comunhão era algo sagrado, fundada na verdade e na entrega.

A instituição dos diáconos (At 6, 1–7) surge da crise na aplicação prática desta ética:

‘Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmúrio entre os helenistas contra os hebreus, porque as suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária.’

A reclamação por uma distribuição justa mostra que o ideal da partilha enfrentava desafios logísticos e culturais. A solução, a escolha de um grupo para supervisionar o serviço, não abandona o princípio, mas o institucionaliza com justiça. O compromisso com o cuidado dos mais vulneráveis era central, garantindo que a inclusão e a equidade não se perdessem com o crescimento.

Se o princípio da partilha exigia justiça dentro da comunidade, ele também impulsionava a solidariedade para fora dos seus limites. A coleta em favor dos irmãos da Judeia (At 11, 27–30), organizada pela igreja de Antioquia, estende o princípio da partilha:

‘Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que habitavam na Judeia...’

A solidariedade material entre comunidades distantes torna-se a expressão tangível da unidade no corpo de Cristo, a primeira igreja (1Co 12, 25). A partilha missionária demonstra que o amor *‘não busca seus próprios interesses’* (1Co 13, 5) nem mesmo em nível comunitário, mas se estende para onde há necessidade.

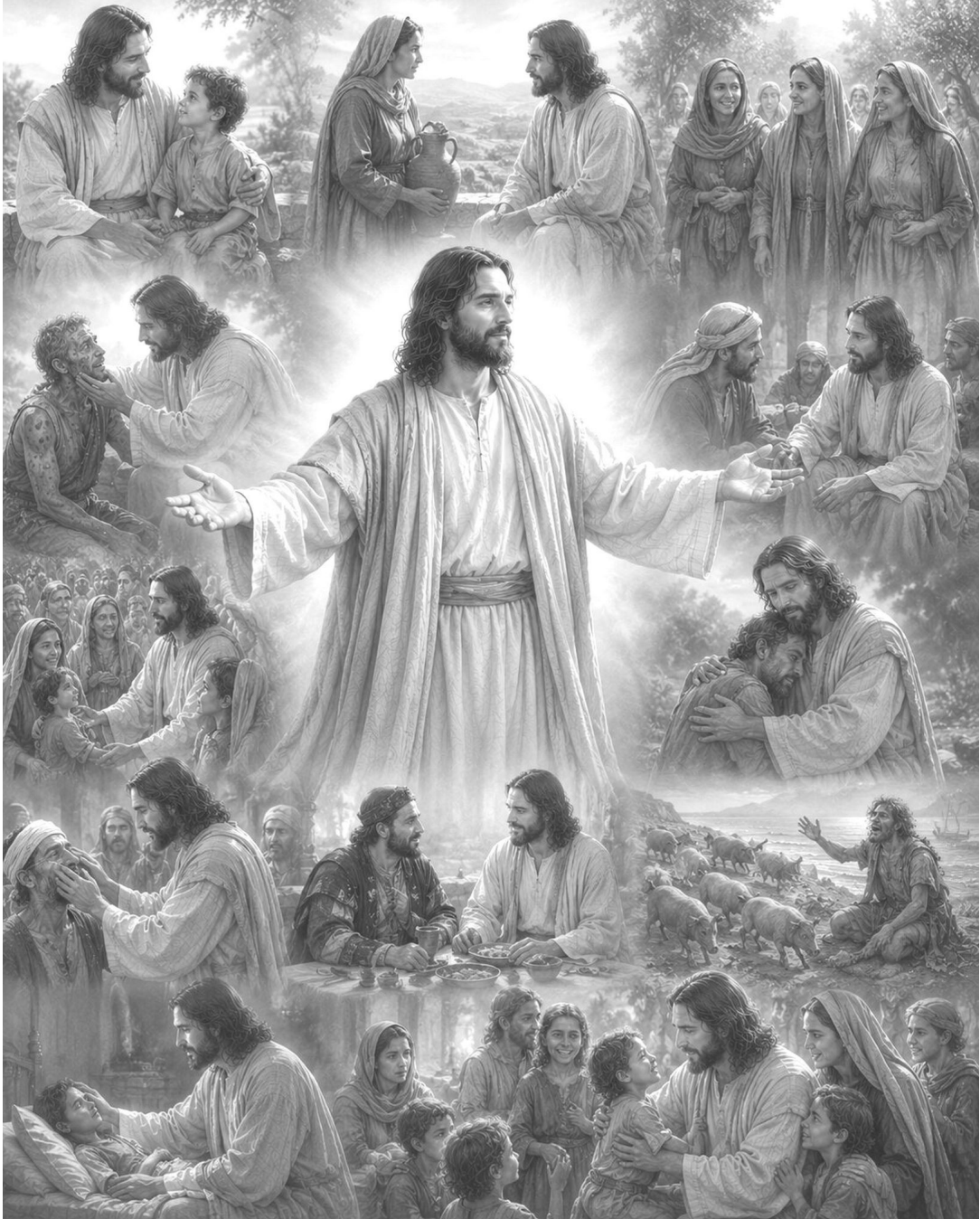
O testemunho final de Paulo (At 20, 35), ao se despedir dos anciãos de Éfeso, sintetiza a ação que animava esta prática:

— Tenho mostrado em tudo que é necessário socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: ‘Mais bem-aventurado é dar que receber’.

A citação de um dito de Jesus não registrado nos evangelhos funciona como fundamento de todo o sistema: a bem-aventurança, a verdadeira felicidade, está no ato de partilhar.

O que distingue as primeiras comunidades não é a ausência de problemas, mas a forma como eles são enfrentados. A resposta às tensões não passa pela exclusão ou pela negação de falhas, mas pela reorganização das relações. A ética não se cristaliza em normas fixas, mas se mantém viva na disposição de ajustar práticas à realidade.

A comunhão dos primeiros cristãos, não deve ser lida como modelo fechado ou como período idealizado. Ela expressa a tentativa inicial de sustentar, em comunidade, o mesmo padrão ético vivido por Jesus: atenção aos vulneráveis, recusa de hierarquias rígidas e prioridade das relações sobre os bens e as estruturas.



Atenção a Todos

10. GRAÇA E MÉRITO

Nos evangelhos e nas cartas apostólicas, a graça não aparece como conceito abstrato ou ação espiritual separada da vivência cotidiana. Ela se manifesta a partir da iniciativa gratuita como acolhimento que não depende de desempenho prévio, nem de merecimento, pois o mérito pode facilmente tornar-se instrumento de segregação.

Desde o início de sua atuação, Jesus se aproxima de pessoas sem credenciais morais ou religiosas, come com publicanos e pecadores (Mc 2, 15–17), toca leprosos (Mc 1, 40–45), dialoga com mulheres postas à margem (Jo 4, 7–26) e acolhe aqueles considerados impuros. O acolhimento não aparece como recompensa por arrependimento. Ao contrário, ele cria o espaço no qual qualquer transformação se torna possível. A sequência é clara: a aproximação vem antes da mudança.

A inversão se torna particularmente evidente no encontro com Zaqueu descrito em outro capítulo. Quando Jesus se convida à casa do publicano antes de qualquer sinal de arrependimento, a reação do povo é imediata:

— *Vai se hospedar na casa de um pecador!*

Somente depois desse gesto de acolhimento Zaqueu decide restituir e repartir seus bens. A resposta emerge da aproximação e do acolhimento.

O mesmo princípio que rege o encontro pessoal – a primazia da iniciativa gratuita sobre o cálculo retributivo – entra em cena na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20, 1–16). Os que trabalhavam desde cedo esperam receber mais do que os contratados na última hora. A resposta do proprietário subverte completamente o critério:

— *Não me é lícito fazer o que quero com o que é meu?*

Não há justiça proporcional, mas a recusa de transformar a relação em cálculo. Onde o mérito exige comparação, a graça se torna ofensiva.

Essa resistência aparece repetidamente entre os grupos religiosos. Quando Jesus acolhe pecadores, surge o murmúrio: ‘*Ele recebe pecadores e come com eles!*’ (Lc 15, 2). A crítica não se dirige ao erro dos acolhidos, mas à quebra da hierarquia moral. A graça, ao suspender critérios de merecimento, ameaça o sistema no qual o valor das pessoas é medido. Não surpreende que ela provoque escândalo.

A parábola do filho pródigo explicita o conflito de forma exemplar. O filho mais novo retorna arrependido sem apresentar mérito algum. Ainda assim, é acolhido com festa, sem exigências prévias. O filho mais velho, que permaneceu obediente e produtivo, reage com indignação. Sua reclamação é coerente sob a ótica do mérito: anos de serviço deveriam

garantir vantagem. O pai, porém, se recusa a transformar a fidelidade em moeda de troca. O desconforto do filho obediente revela a dificuldade em aceitar a gratuidade para quem organiza as relações a partir do merecimento.

O padrão se repete no encontro com a mulher acusada de adultério. A acusação se ancora na lei. A resposta de Jesus não relativiza a falta, mas interrompe o mecanismo acusatório. O gesto desloca o foco da infração para aqueles que se autorizam a punir. A graça não nega a responsabilidade, mas impede que o demérito se transforme em sentença final.

O jovem rico se aproxima afirmando ter observado os mandamentos desde a juventude. Sua trajetória moral é irrepreensível. Ainda assim, ao ser confrontado com o convite ao desapego, ele se afasta entristecido. O apego ao bem meritório se torna obstáculo à liberdade proposta por Jesus.

A partir do que propõem os escritos neotestamentários, graça e mérito não operam como dimensões conciliáveis, mas como concorrentes. A graça promove o pertencimento, enquanto o mérito, tende a facilitar a exclusão. Onde prevalece a graça, o mérito perde seu poder classificatório. Essa inconciliabilidade explica boa parte dos conflitos narrados: não se trata apenas de matéria interpretativa, mas de modos opostos de estruturar relações humanas.

O contraste se estende à compreensão da obediência. Ela deixa de ser caminho para adquirir valor diante de Deus e passa a ser resposta a uma relação já estabelecida (Jo 14, 15).

— *Se vocês me amarem, guardarão os meus mandamentos.*

Jesus não afirmou: *‘se guardarem os meus mandamentos, amarei vocês’*, mas apontou a adesão ao que propõe como resultado de um processo de transformação amorosa prévia. A proposta se apresenta de forma consistente ao lado da graça, mesmo quando isso provoca rejeição, escândalo e conflito. A transformação não nasce do medo, mas da experiência do acolhimento. A responsabilidade não desaparece. Entretanto, deixa de ser condição prévia para o encontro.

Mérito e graça, assim, não representam etapas sucessivas nem dimensões complementares da mesma ética. Eles expressam modos inconciliáveis de organizar valor, pertencimento e expectativa. O que Jesus propõe se constrói a partir da ruptura. Onde a graça é afirmada, o mérito perde seu poder normativo. Onde o mérito reassume o centro, a graça se torna intolerável.

O conflito também atravessa as comunidades posteriores que buscam seguir Jesus. Sempre que o valor humano volta a ser medido por desempenho, regras, pureza ou sucesso, a lógica do mérito retoma o controle. E, com ela, a graça se esvazia.

Aderir aos seus ensinamentos implica reconhecer a tensão decorrente dessa dicotomia e entender como mérito e gratuidade atuam de forma prática, além das consequências que traz a adesão a cada um desses modos de organização.



O Filho Perdido